

ALGUMAS INCURSÕES SOBRE *CADERNOS DE MEMÓRIAS COLONIAIS* E *A GORDA*, DE ISABELA FIGUEIREDO¹

SOME INCURSIONS ABOUT CADERNOS DE MEMÓRIAS COLONIAIS AND A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO

Adélia Maria de Souza Lima²
Marinei Almeida³

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr^a. Vera Maquêa no PPGEL-UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT). E-mail: adelia.maria@unemat.br

3 Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP); Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), atua no PPGEL/UNEMAT; Docente Colaboradora do PPGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de Literatura, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: marinei.almeida@unemat.br

RESUMO: Pretende-se com esse estudo refletir sobre escritas contemporâneas que abordam o final do colonialismo e o início do pós-colonial, nos pautamos nas obras *Cadernos de Memórias Coloniais* (2009) e o romance *A gorda* (2018), de Isabela Figueiredo. Narrativas que veiculam gêneros literários distintos, porém uma complementa a outra, de maneira que a primeira ofereceu possibilidade para a autora juntar argumentos e estruturar a segunda. Deste modo, podemos dizer que a obra memorialística de Isabela Figueiredo, *Cadernos de Memórias Coloniais*, serviu como laboratório para a criação do romance *A Gorda*. Buscaremos, portanto, refletir sobre os gêneros memórias e romance dos retornados, tendo como ponto principal de discussão, em ambas as obras, a figura do pai da protagonista, portadora de uma imagem controversa, pois esse pai é visto como exemplo a seguir por amar a filha e cuidar da família, mas também é nessa mesma figura que a filha vê uma imagem do colonizador que usa todo o poder do homem branco perante o povo negro, comportamento que contraria os sentimentos dessa filha.

PALAVRAS-CHAVE: *Cadernos de Memórias Coloniais*; *A gorda*; Romance dos Retornados; Memórias.

ABSTRACT: The aim of this study is to reflect on contemporary works that address the end of colonialism and the beginning of post-colonialism, based on the works *Cadernos de Memórias Coloniais* (2009) and the novel *A gorda* (2018), by Isabela Figueiredo. Works that convey different literary genres, but one complements the other, in a way that the former offered the possibility for the author to join arguments and structure the latter. Thus, we can say that Figueiredo's memoir, *Cadernos de Memórias Coloniais*, served as a laboratory for the creation of the novel *A Gorda*. We will seek to focus on the genres memories and romance of returnees, having as the main point for discussion of these works the figure of the protagonist's father, from both works, who will serve as a guide in his life, as this father is seen as an example to be followed by love the daughter and take care of the family, but it is also in this same figure that the daughter sees an image of the colonizer who uses

all the power of the white man before the black people, which goes against the feelings of this daughter.

KEYWORDS: *Cadernos de Memórias Coloniais*; *A gorda*; Romance dos retornados; Memoirs.

O paradoxo reside no facto de só se ultrapassarem os choques de uma vivência, desenterrando-a, revolvendo os seus restos. O tempo silencioso apenas se abstém de produzir ruídos.

Isabela Figueiredo.

As obras de Figueiredo, tais como *Cadernos de memórias Coloniais*, que foi publicado em Portugal em 2009⁴ e *A Gorda* (2018), inserem numa nova geração de escritores que atraem seus leitores por abordar assuntos bastante contemporâneos, mas que não deixa de ressaltar uma certa afinidade ou uma mistura de tendências da estética modernista. Assim se dá a literatura contemporânea, que surge em um período conflitante e plural, trazendo marcas de seu contexto histórico e movimentos de ruptura, inovação e ressignificação para a prosa e a poesia. Como ressalta Agamben:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, mais precisamente, essa é uma dissociação e um anacronismo (AGAMBEN, 2009, p.5).

A literatura contemporânea, segundo reflexão de Agamben, possui um diálogo entre passado e presente em atos de aproximação e distanciamento, essa produção, portanto, traz na base um misto dissonante de tendências, aspectos e características que apontam para a sua contemporaneidade. E é essa sensação de ir e vir no

⁴ A edição que utilizamos é a brasileira de 2018, publicada pela editora Todavia, em São Paulo.

tempo, que sentimos ao ler as obras de Figueiredo, ou seja, através dos relatos da autora nos permitem imaginar os acontecimentos históricos com um teor de denúncia e indignação em pleno período da pré-independência de Moçambique, espaço que transcorre parte das lembranças narradas. No caso de *Cadernos de Memórias coloniais*, a narradora remonta à história de sua infância e a adolescência, quando esta vivenciou um período de preconceitos e racismo estabelecidos pela empreita colonial portuguesa. Numa espécie de continuidade, no romance *A Gorda*, nos é relatado sobre os preconceitos vividos pela narradora, por se sentir uma estrangeira vivendo em Portugal, país de seus genitores. Apesar de sua descendência portuguesa, ela não se sentia como tal e também tinha problemas de aceitação em relação à sua aparência física por ser gorda, como sugere o título do romance.

A obra *Caderno de memórias Coloniais* direciona, em gesto narrativo, para uma contra memória, são narrados eventos de um tempo pretérito, que não fizeram parte somente da vida pessoal da autora, enquanto menina branca, filha de colono, mas também de fatos que atingiram todo um país, Moçambique, ou países, se levamos em consideração outros países africanos que se encontravam sob o jugo colonial português ainda na década de 60 a 1974, período que remonta a narrativa de Figueiredo, tendo como mote principal acontecimentos pós o episódio da eclosão da Revolução dos Cravos em Portugal, em 25 de abril de 1974, que marca o fim da ditadura salazarista.

A autora dedica o livro ao pai. Tal obra foi um escândalo imediato por conter cenas realistas e severas em relação ao colonialismo e também por falar de sexo de maneira aberta. Essa narrativa representou a quebra de tabus, dissipou radicalmente a lenda do “gentil” domínio português no exterior e proporcionou uma visão despojada da figura do colonizador. A narradora tem em seu pai a imagem que lhe serve como base familiar, mas ao mesmo tempo esta o repudia por seus atos desumanos em relação aos seus subordinados. Já no romance *A Gorda*, que a autora dedica à mãe, há uma descaracterização do lugar autoritário do pai que antes ditava as regras, neste romance esse pai aparece quase que invisível. Essa

obra se configura como romance dos retornados⁵. Macêdo ressalta que:

Pode-se mesmo afirmar que nessas narrativas há uma negação em enfrentar os fantasmas do passado para prosseguir para um futuro, como se seus autores estivessem encarcerados em uma cripta, retornando sempre e sempre ao passado, incapazes de entender e discutir efetivamente o fenômeno colonial. (MACÊDO,2020:125).

Como enfatiza a pesquisadora supracitada, nesse gênero de romance a maioria dos autores, por meio de personagens fictícios, narra suas histórias e angústias vividas em relação ao tratamento dado aos lusitanos vindos de África. Os quais eram vistos como preguiçosos e desprovidos de honra, por ter perdidos seus ideais, enfim eram tratados com desprezo e preconceito no meio social. E esse retorno contínuo ao passado mencionado por Macêdo, seria pelo fato de que o passado lhe agradasse mais que o presente, pois no caso dos retornados, nos tempos áureos o poder estava em suas mãos e no presente não mais, desse modo estes, passavam de algozes para vítimas de sua própria pátria.

Cadernos de Memórias Coloniais se divide em duas partes basicamente, na primeira a narradora criança, filha de pais portugueses, expõe relatos de sua vida em Moçambique, em um momento repleto de opressão, submissão e preconceitos; e na segunda parte, ainda com o mesmo teor da primeira, a mesma relata sobre sua ida para Portugal e sua convivência com familiares, até a volta de seus pais para a terra lusitana. Essa obra traz como destaque a narradora, numa relação dual de amor e ódio com o pai, por esta desaprovar seu comportamento desumano e racista em relação aos negros. Seu pai, um eletricista que viveu e trabalhou em Moçambique desde os anos 1950, saiu das más condições da província portuguesa e foi, como muitos portugueses, mudar de vida nas terras colonizadas por Portugal. Lá ele desenvolveu o seu

⁵ Oficialmente, os retornados nasceram em Março de 1975, através do Decreto n.º 169/75 que criou o IARN - Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais. Assim, retornado era o cidadão português que residiu e regressou das ex-colônias e necessitava de apoio (MACÊDO,2020, p.118).

poder como um homem branco que parecia ter boas relações com os seus subordinados negros, mas que naturalmente abusava da sua posição. O abuso também se entendia às mulheres negras Esse é outro assunto que a autora enfatiza, seu pai não disfarçava sua atração por mulheres e destaca isso, para demonstrar o autoritarismo e, conseqüentemente, a submissão das mulheres naquele período:

O meu pai gostava de foder. Eu nunca vi, mas via-se. Uma pessoa que observasse bem o meu pai, os olhos a sorrir ao mesmo tempo que a boca, a sensualidade viril das mãos, braços, pés, pernas... uma pessoa que escutasse a maliciosa rapidez da sua resposta, o sentido de humor permanente e dúbio desse gigante percebia que aquele homem gostava de foder. (FIGUEIREDO,2018, p.37).

Como ele, outros homens também cometiam o mesmo ato, usavam as mulheres negras como se fossem objetos de sua propriedade, as vezes esposas de seus empregados, quando bem entendiam, por sua vez, suas esposas brancas, talvez como maneira de desabafo ou vingança, realizavam encontros entre elas para falar mal do comportamento das pretas. Notamos que as atitudes adúlteras, por parte dos homens, eram vistas como algo “aceito” entre as famílias brancas. As mulheres brancas viviam em meio a uma sociedade que impunham regras as quais as mesmas não tinham opção a não ser aceitá-las, mostrando obediência e submissão. Assim, a autora narra que os homens brancos se comportavam igualmente em relação ao sexo com as mulheres negras:

Os brancos iam às pretas. As pretas eram todas iguais e eles não distinguiam a Madalena Xinguile da Emília Cachamba, a não ser pela cor da capulana ou pelo feitio da teta, mas os brancos metiam-se lá para os fundos do caniço, com caminho certo ou não, para ir à cona das pretas. Eram uns aventureiros. Uns fura-vidas (FIGUEIREDO, 2018, p.34).

Desse modo, essa narrativa apresenta lembranças incômodas em relação a esse pai, que por suas atitudes levou a filha relembrar as experiências de um passado que continua presente

em sua memória, apontando para certos traumas e fantasmas que a deixaram condoída por suas vivências, e também, mais tarde, pelo fato de ter que retornar a Portugal sozinha e desamparada para morar com pessoas desconhecidas, que apesar de ser seus familiares ela não mantinha contato.

A narradora já adulta relata, também, como suas vivências as tornou uma mulher forte, lembra que desde de menina ela se desafiava, queria provar suas capacidades e apesar de seu pai ter sido um colono nato e ela discordar de várias de suas atitudes, ela se espelhava nele para tomar algumas decisões em sua vida, pois a mesma via características fortes nele, que lhe servia como exemplo. Porém a narradora toma consciência das atitudes do pai como opressor: “Foi quando, devagar, comecei a tornar-me a pior inimiga de meu pai. A inimiga lá dentro, calada. Que vê e escuta sem ter pedido autorização, porque está incluída, porque faz parte. Foi quando comecei a tornar-me a toupeira (FIGUEIREDO, 2018, p.83). ”

Notamos nessa passagem que a narradora estava tomando consciência de si, crescendo e, ao adquirir maturidade, ela foi se desvencilhando daquele mundo colonial ao qual estava inserida, começou a construir seu lugar nesse meio social, reforçando a indignação em relação as atitudes do pai. No entanto, reconhecia um lado positivo no pensamento do pai em relação ao seu futuro, seu pai queria que a filha tivesse sua autonomia enquanto mulher e que não tivesse que depender de nenhum homem:

Tens que ter uma profissão que te permita viver a tua vida, com os teus filhos, ou não, sem depender de nenhum homem! Sem estares às custas de ninguém. Tens de ser dona da tua vida. Tens que ser livre. Compreendes? (FIGUEIREDO, 2018, p.102).

Entendemos a preocupação do pai com o crescimento e formação profissional de sua filha, mas, ele só enxergava essa necessidade em relação à sua filha, pelo fato, talvez, de não a ver como uma simples mulher, mas sim como a filha daquele senhor ultramarino que espalhou a eletricidade na cidade de Lourenço

Marques e que antes desejava ter tido um filho, mas, infelizmente não teve, então lhe restava aquela filha. Tal Essa preocupação paterna nos permite entender como mais um discurso típico de colonizador, que estava preocupado com a hierarquia social de sua família em meio as lutas de libertação dos colonizados, prevendo seu destino, esse pai sentia a necessidade de proteger aquela que ele achava que daria continuidade às aos seus projetos de ser bem sucedido na vida. Segundo Bhabha, “a construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas e da diferença – raciais e sexuais (...)”.

Esse discurso do pai, em partes, revela as articulações elencadas por Bhabha, um discurso machista, que impõe e dita os rumos que a família, nesse caso a filha, deveria tomar. É notório como o homem daquela época exercia o androcentrismo, sem reconhecer que a mulher poderia ter suas próprias experiências. É notável também como este pai muda de comportamento em relação ao gênero feminino, sendo ela sua filha na visão dele, esta deveria ser uma mulher independente dona de si, enquanto sua própria esposa continuaria subordinada a ele.

Assim, na despedida de seu pai, é recomendado à filha para que contasse sobre as injustiças que o povo lusitano estava sofrendo diante das represálias do povo moçambicano, que descrevesse os acontecimentos na perspectiva dele, de um branco que veio trabalhar para a melhoria do país, um discurso que remete a do colonizador, no entanto a filha se rebela e descreve a história do seu ponto vista, assim narra suas percepções e comenta que, “o meu pai não me arrancou ao que eu era nem ao que pensava; o meu pai não foi capaz de formar o meu pensamento. O meu pai não me dobrou. Escapei-lhe” (FIGUEIREDO, 2018, p.145). Fica essa passagem como uma confissão da narradora em relação a coerção estabelecida pelo patriarcalismo vivido por ela, no entanto, ela soube com autonomia sair dessa rede e publicar todos esses momentos materializados por suas memórias.

Ao escrever uma narrativa o autor-narrador organiza as vivências rememoradas e as interpreta, usando a linguagem literária. A respeito de narrativas de memórias, Halbwachs (2004) apresenta duas diferentes características para essa categoria, a memória individual que parte do conhecimento subjetivo e a memória

coletiva, que ele considera como uma memória emprestada, que envolve grupos, são a relação delas com o indivíduo, com suas vivências e suas experiências que as constituem. O autor ressalta que “a memória coletiva, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas”, e a respeito das memórias individuais ele ressalta que :

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. (HALBWACHS, 2004, p.54).

Uma recordação, que reporta à experiências vividas, é sempre marcada por outras lembranças, portanto, mesmo aquela memória que parece ser apenas de um indivíduo está ligada à referências do meio em que vive/viveu, como em uma rede, a memória precisa estar relacionada com outras. Dessa forma a obra *Cadernos de Memórias Coloniais*, de Figueiredo, se instaura no gênero memórias, mas que esta narrativa não está totalmente isolada restrita e individualizada, a história contida na obra rememora um passado de muitos que viveram aquele período e mais interessante é que, essa obra não traz apenas um lado da história, de maneira crua nos diz que não houve vencedores, não houve heróis, mas uma luta desigual por sobrevivência, de um lado os colonizados abusados e desrespeitados enquanto seres humanos, do outro, os portugueses que foram trabalhar como mão de obra para Portugal, com a esperança de melhoria de vida, mas que voltaram frustrados e empobrecidos, inclusive com o sentimento de não pertencimento ao país de origem.

Entendemos que a literatura é uma manifestação artística que oferece reflexões frente aos acontecimentos sociais. Sabemos dos vários gêneros que comportam essa modalidade, dentre eles destacamos os gêneros memórias e romance, os quais comportam

as obras de Figueiredo. O romance pode ser uma resposta não só ao embrutecimento humano, mas também aos esvaziamentos de sentido do meio em que vive, assim leva o ser humano a repensar suas práticas, por via de um embricamento entre obra e sociedade. Sobre o gênero romance, Lukács ressalta que:

O romance é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação. O perigo a que está sujeita essa configuração é portanto duplo: há o perigo de que a fragmentariedade do mundo salte bruscamente à luz e suprima a imanência do sentido exigida pela forma, convertendo a resignação em angustiante desengano, ou então que a aspiração demasiado intensa de saber a' dissonância resolvida, afirmada e abrigada na forma conduza a um fecho precoce que desintegra a forma numa heterogeneidade disparatada, pois a fragmentariedade pode ser apenas superficialmente encoberta, mas não superada, e tem assim, rompendo os frágeis vínculos, de ser flagrada como matéria-prima em estado bruto. (LUKÁCS, 2000, p.71/72).

Nesta perspectiva, *A Gorda*, primeiro romance de Figueiredo alude a aprendizados que fazem parte de nosso meio social, o primeiro a personagem Maria Luísa, desse livro, narra suas experiências, amores e dissabores, bem como a opressão social sofrida em relação aos moldes de beleza impostos por uma sociedade que dita um tipo de padrão de beleza que exclui quem não se encaixa nele, nessa ditadura da beleza o corpo magro da mulher é valorizado mais do que a essência humana dela. Além disso Maria Luísa ainda tinha que enfrentar a discriminação em relação aos retornados de África. Assim, essa condição, de retornada, também inferiorizava a personagem, que sofria muitas pressões e tinha dificuldades de aceitação consigo. Fazem parte desse gênero de romance dos retornados, histórias que, como já afirmado em momento anterior, tem como tema voltado à famílias, que estavam em colônias lusófonas em África e que devido ao final do período colonial foram obrigados a deixar aquelas terras

e retornar a Portugal, a respeito desse assunto Macêdo afirma que:

A notar que o fenômeno editorial que envolve o que se chamou de “romance de retornados” ainda está em curso, pois a venda de narrativas e reportagens sobre o tema ainda é notável e mobiliza leitores e a crítica. O longo tempo que medeia a publicação dos “romances de retornados” e os acontecimentos que os teriam ensejado, – mais de vinte anos – longe de possibilitar a decantação dos acontecimentos de 1975 e consequente reflexão sobre o colonialismo, acabou por substituir o silêncio sobre os fatos daquele período pela renúncia definitiva à reflexão. (MACÊDO, 2020, p.120).

Percebemos, assim, que o romance dos retornados não é uma série de escritos melodramáticos que contam histórias para instigar sentimentos de pena e dó, mas ele surge para marcar um acontecimento histórico. Esse tipo de ficção traz uma reflexão sobre as questões coloniais, que quebra o silêncio de muitos anos, sobre fatos que aconteceram e estiveram guardados nas memórias de muitos que viveram aquele período em terras africanas colonizadas. Há muitos autores imbuídos nesse propósito, os quais relatam os acontecimentos e ao mesmo tempo denuncia a violência, a brutalidade e a discriminação dos retornados das ex-colônias africanas. Nesse contexto, ser um retornado era sinônimo de vergonha para os colonos que perderam seus bens e muitos passaram a viver a mercê do governo.

Dessa forma, em ambas as obras de Figueiredo, podemos observar que as histórias se entrelaçam, possibilitando visualizar uma continuação de narrativas que começam com as memórias e terminam em um romance. Em *A Gorda*, a história se instaura ao redor da personagem Maria Luísa, uma ex-obesa, pois se submeteu a uma cirurgia bariátrica. Nessas obras o contexto se assemelha por apresentarem vidas divididas entre Moçambique e a metrópole portuguesa. Logo no primeiro capítulo desse romance, a narradora descreve seu alívio por ter feito uma gastrectomia e ter se livrado de um peso que definia como um segundo corpo. Percebemos que a autora classifica cada capítulo da obra como partes de sua casa,

trazendo um diálogo com os acontecimentos de sua vida. De início quando relata que perdeu quarenta quilos, intitula o capítulo como Porta de Entrada, e segue narrando sua personalidade e a de sua família.

Então, nesse capítulo vemos que a aparência é fator principal para ser aceito naquele meio e que sendo ela uma retornada, deveria se enquadrar aos moldes da sociedade para ser aceita, porém a protagonista percebe que não se encaixa e por isso sofre as consequências para se adequar a sua nova vida, deste modo é em sua casa o lugar onde melhor se encaixa, visto que o conteúdo desta casa está repleto de lembranças da antiga vida em África. E deste modo vai descrevendo os acontecimentos de sua vida, paralelo aos cômodos da casa que a fazem rememorar acontecimentos vividos, como o Quarto de Solteira, Quarto dos papás, Cozinha, Sala de Jantar, Casa de Banho e o Hall que culmina no último capítulo.

Observamos que essa casa está arraigada na personagem e cada parte dela é uma metáfora de sua existência, na casa cada cômodo faz parte de um mundo só dela. Essa casa funciona também como um refúgio para a personagem, cujas lembranças da vida passada em terra africana permanecia viva e a ajudava a encarar o espaço lusitano, cheio de preconceito e indiferença, que habitava. Ecléa Bosi (1994) afirma que a casa marca a comunicação silenciosa das relações mais profundas do sujeito e que ela, com a paisagem e os objetos que a rodeiam são instrumentos de apoio à memória.

A casa, segundo os estudos fenomenológicos de Bachelard (1996), é o nosso primeiro canto no mundo, é nele que se estabelece o espaço das vivências efetivas e afetivas. A casa, portanto, para Maria Luísa era seu território seguro, em cada cômodo dela, de certa forma, se configura em uma simbiose da sua vida, pois sua história de vida vai ser narrada a partir das partes da casa que se encaixam perfeitamente a cada acontecimento experimentado por ela. Essa casa e cada parte dela é funcionam como uma metáfora de sua própria vida. A casa, portanto, traz a segurança e o conforto que no mundo lá fora Maria Luísa não encontrava. A casa, seu refúgio, se tornou como uma extensão de seu próprio corpo, um corpo-casa sob abrigo das lembranças de um passado que continua vivo, era

a representação mais próxima de família que ela tinha, pois todos tinham passado por ali e restaram apenas ela e a casa.

De modo que, essa obesidade que é definida pelo excesso, afetava Maria Luísa tanto física como psicologicamente, o que nos remete ao título da obra como se essa expressão representasse o peso da carga que ela carregava, no corpo e na mente, e que essa casa também participa como sendo uma *Gorda*, pois essa também se apresenta cheia de objetos, cheia de lembranças, cada cômodo dela é apresentado abarrotado de recordo de acontecimentos, como se fossem mobílias que compunham essa casa. A autora, de certa forma, transfere esta condição de excesso também para a casa como marcas de tempos vividos. Como é relatado na obra, as lembranças contidas na casa são como fantasmas que rodeiam a personagem e faz com que ela reviva os momentos alegres e tristes de toda sua vida.

A casa é lida por Bachelard (1996) como extensão do ser. Assim lemos nesse romance: “A casa escura. Respira fundo, fecha os olhos e deixa-se levar na melodia das vozes gravadas no lugar para sempre, com as quais poderá ainda contar quando chegar o fim do mundo.” (FIGUEIREDO, 2017, p. 203). Notamos que Maria Luísa ansiava por algo, que não sabia ao certo o que era, havia nela uma incompletude, como no início na narrativa, em que ela descreve que não sentia parte daquele lugar se referindo ao novo país de moradia, por se sentir deslocada, além da solidão causada pela falta dos pais. No final da obra, no entanto, a protagonista se vê em meio a um silêncio profundo e reflete sobre sua vida, percebe que tudo que passou lhe serviu para a criação de uma nova perspectiva de vida, momento de balanço e amadurecimento. Maria Luísa passa a se aceitar e rejeitar seus antigos sentimentos em relação a si mesma.

Em vários fatos narrados, tanto em *Cadernos de memórias coloniais*, como em *A Gorda*, nos deparamos com as lembranças das protagonistas sobre os acontecimentos em suas vidas que envolvem seu pai, o esteio dessa família, na obra de memórias esse pai atua como um senhor forte e destemido que dá ordens, enquanto que no romance, esse pai desaparece, pois como um retornado, perdeu seu prestígio e poder. Visto que as lembranças são fios condutor

que impulsionam os conteúdos narrados em ambas as obras, Bosi (1994) nos lembra que:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p.17).

Portanto, o processamento da memória não pode se limitar a restaurar um passado morto e sepultado de forma nostálgica, como se tudo aquilo que foi vivido pudesse ser resgatado na íntegra, pelo contrário, o ato de rememoração e de contar o passado serve para indagar de qual história de qual passado, está sendo referido? Serve antes de tudo, para trazer à superfície experiências e vidas que ficaram soterradas por história contadas por uma via de mão única (ADICHE, 2009). Desse modo, entendemos que a importância de escrever e falar sobre aquilo que se conhece e vivenciou, ato de extrema relevância para expor um outro lado da história (ADICHE, 2009, *idem*) coisas que aconteceram, como é caso das obras aqui analisadas, levando em consideração que muitas vezes estes tipo de vozes (dissonantes) são silenciadas, portanto, através da escrita literária pode-se revelar mundos autoritários, com os quais não estamos de acordo, no entanto vivemos nesse meio.

Portanto, o momento histórico vivido pela protagonista de ambas as obras de Figueiredo, após a independência de Moçambique e outros países ocupados por Portugal, aponta para uma mudança no rumo da história dos dois lados do continente. A angústia vivida pela protagonista reverbera na vida não só da autora, mas de muitos retornados, tais escolhas estéticas consagram às obras uma certa veracidade. Como afirma Almeida:

Dessa maneira, por meio da ficção, é possível que haja um movimento para a criação de novos dizeres, é possível, enfim, que pessoas e histórias sejam retirados de “debaixo do tapete” histórias que foram soterradas pelo registro escrito e por outras várias atitudes. (SAID, 2015, p. 26, apud ALMEIDA, 2020)

Do mesmo modo muitos escritores sentiram essa necessidade em mostrar para o mundo acontecimentos que muitos silenciaram, mas a autora de forma peculiar traz à tona o assunto, com denúncias, ironias e enfrentamentos que enriquecem a obra. Olhar para o passado, portanto, seria um conforto para suportar as adversidades revertidas no presente e ainda falar de assuntos que desestruturaram muitas famílias, falar sobre o conflito do fim da empreita de ocupação colonial e sobre os retornados, talvez tenha sido a forma que autora encontrou para se livrar dos fantasmas do passado que não marcou somente a vida dela e da sua família, mas de toda uma geração, seria uma atitude de dar palavra aqueles que jamais tiveram, já que é a palavra que ajudará na reconstrução do corpo fraturado da nação, como aponta Inocência Mata (2006).

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda. O perigo de uma história única, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br - Consulta: 27 jul 2021.

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Marinei: “Memória, Violência E Subalternidade Feminina Em Cadernos De Memórias Coloniais, De Isabela Figueiredo.” (148-162). **Dos Percursos Pelas Áfricas**. A Literatura de Moçambique. UFPB. 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. 2º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 10ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIGUEIREDO, Isabela. **Cadernos de Memórias Coloniais**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018.

FIGUEIREDO, Isabela. **A Gorda**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004;

LUKÁCS, G. **A Teoria do Romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

MACÊDO, Tania. “O romance português de retornados” – a viagem de retorno ao império colonial português. Revista **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ | Volume 12 | Número 22 | p. 115-126. 2020. ISSN:2176-381X. <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39819>. Acessado em julho de 2021.

MATA, Inocência. A função catártica da memória na literatura angolana. In: **Laços de memória & outros ensaios sobre a literatura angolana**. Angola: União dos Escritores Angolanos: 2006.